

Crise até com jornalistas

BRASÍLIA — Os jornalistas brasileiros que acompanhavam ontem a entrevista coletiva do primeiro-ministro português, António Guterres, e do presidente Fernando Henrique decidiram abrir mão de fazer perguntas ao presidente brasileiro, quando ele se recusou a responder sobre as declarações do ministro Sérgio Motta à revista *Veja*.

Por decisão do Itamarati, que organizou a coletiva, a Imprensa brasileira teria direito a três perguntas. Um repórter da imprensa escrita, outro de rádio e um terceiro de televisão foram sorteados entre os presentes. A primeira pergunta coube à jornalista Laura Fonseca, de *O Estado de Minas*, que quis saber como o presidente reorganizaria a base parlamentar do governo, após as críticas de Motta aos partidos governistas. “A senhora há de compreender que essa pergunta não pode ser respondida no âmbito desta reunião, em que nós estamos com o primeiro-ministro de Portugal, discutindo um assunto das relações entre Brasil e Portugal. Eu oportunamente responderei às suas inquietações”, disse o presidente. A jornalista insistiu, ale-

gando que “a crise é muito grave”. Fernando Henrique concluiu: “Já disse o que tinha que dizer.”

Em seguida, os jornalistas Heraldo Pereira, do SBT, e Patrícia Gomes, da rádio *Jovem Pam*, também sorteados, decidiram abrir mão de fazer as perguntas. Na saída, o presidente criticou a postura da Imprensa brasileira, afirmando que “fica uma coisa muito provinciana” falar de assuntos internos do Brasil, na presença de visitas. O presidente só falou sobre a crise, depois, no Palácio do Planalto.

EUA — O episódio de ontem jamais ocorreria nos Estados Unidos, onde os jornalistas habitualmente perguntam sobre questões internas e são respondidos. Em Washington, em abril de 1995, quando Fernando Henrique visitava o país, a entrevista na Casa Branca foi bem diferente. Os jornalistas brasileiros investiram em temas bilaterais — motivo do encontro —, enquanto os americanos fizeram sucessivas perguntas sobre Oklahoma, que Bill Clinton não deixou de responder.

Colaborou Flavia Sekles, de Washington